



UM ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DO ABANDONO DO TRATAMENTO DE DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS A PARTIR DA RELAÇÃO ENTRE O CORPO E MOVIMENTOS PSICOSSOCIAIS

Eixo Horizontal: EH3: SUBJETIVIDADE, SOFRIMENTO E URGÊNCIA SUBJETIVA

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Fernanda Galhardo de Castro;

Segundo os dados obtidos através da versão mais recente da Pesquisa Nacional de Saúde, as doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) representam mais de 72% das causas de morte no Brasil. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a não adesão aos tratamentos a longo prazo na população geral está em torno de 50%. Este fenômeno influencia diretamente e negativamente nos resultados terapêuticos. É pretendido, então, analisar a relação entre a DCNT, a forma como o indivíduo constrói seus significados considerando o corpo enquanto canal de comunicação nas interações psicossociais e o abandono do tratamento. Este trabalho é elaborado a partir da análise de casos acompanhados em minha prática junto a pacientes portadores de DCNT. Foi observado como motivo desencadeador pela busca por tratamento a identificação da manifestação da doença fisicamente perceptível pelo indivíduo e por sua rede social, tendo esta caráter limitante quanto ao acesso aos recursos socialmente disponíveis. Ao estudar o movimento de ruptura dos pacientes com o tratamento, nota-se que o fenômeno se faz mais frequente quando consideram que tais características foram reduzidas de forma que percam o caráter limitante identificado à princípio. Esta dinâmica nos alerta para um possível padrão de comportamento presente neste grupo sustentado pela sua relação social e a impressão de adaptação ou não adaptação a partir do que o corpo comunica. Os sintomas aparentes representam, nesta dinâmica, estímulos que através do corpo estabelecerão uma forma de relação com a sociedade. O paciente encontra-se, então, inserido em um grupo caracterizado pela limitação, podendo desencadear o processo de desidentificação que, por sua vez, pode implicar no movimento de ruptura com o presente grupo. Isto porque, “não é sempre que se obtém uma identidade social positiva [...]. Uma solução para tal problema pode ser desidentificar-se do grupo, distanciando-se dele psicologicamente, ou mesmo dissociar-se, rompendo sua pertença” (TORRES; NEIVA, 2011, p.258). Como instrumento que torna este movimento possível está o tratamento e seus resultados positivos. O corpo sem sinais aparentes da doença agora se comunica de outra forma, com mais fluidez, gerando uma nova percepção do grupo sobre o portador da doença crônica e, conseqüentemente, uma nova resposta social. Assim, torna-se possível a adequação do indivíduo a outro grupo social. Esta adequação e a redução de conflitos pode sugerir, ao indivíduo enquanto paciente inserido nesta dinâmica, que o tratamento já proporcionou o resultado almejado, acarretando no abandono do tratamento. Expõe-se neste trabalho a ideia de que os grupos sociais funcionam como espelhos para o indivíduo, no qual refletem características compatíveis ou não, no caso da doença com forma aparente. O conhecimento sobre esta dinâmica de comunicação entre o sujeito e o espaço social, oferece a nós, equipes de saúde, um novo espaço para desenvolvimento de conhecimento e, portanto, recursos que permitam atuações mais eficazes.